

INTRODUÇÃO À CEIA PASCAL CRISTÃ¹



1. A CEIA PASCAL

A Última Ceia realizada por Nosso Senhor com os seus Apóstolos, segundo o antigo rito judaico, foi um “Séder”: uma solene refeição sacrificial pascal. A cerimónia que apresentamos é uma tentativa de reconstituição desse acontecimento, baseada na narrativa dos Evangelhos, na tradição judaica e na palavra dos eruditos.

Qual seria para nós, cristãos, o sentido de encenar a ceia pascal? Certamente não o fazemos apenas copiando o rito judaico, tão venerável em si e conservado até hoje pelos nossos irmãos judeus. Fazemo-lo, sim, para perceber melhor a transição entre a Páscoa antiga e a Nova Páscoa, a Páscoa cristã.

Por isso mesmo, a cerimónia que apresentamos não é meramente a reconstituição da Ceia Pascal judaica do ano 30 da nossa era. É a dramatização da ceia específica que Jesus celebrou com os seus discípulos antes de se retirar para o Jardim das Oliveiras. Para nós, cristãos, a Ceia Pascal é uma cena da Paixão, uma apresentação dramatizada dos acontecimentos do Cenáculo, e nós encenamo-la para viver as últimas horas do Senhor neste mundo.

Como representação, tem por finalidade antes de tudo aprofundar o nosso conhecimento dos Evangelhos, tornando-os mais vivos para nós. Os evangelistas omitiram muitos pormenores que, para os seus contemporâneos judeus, não precisavam de ser mencionados. Por exemplo: porque Nosso Senhor toma o cálice duas vezes no relato de Lucas (Lc 22,17-20)? Porque foi recitado um “hino” antes dos apóstolos deixarem o Cenáculo (Mt 26,30)? Estes e outros detalhes adquirem novo sentido à luz da tradição judaica.

¹ Cf. A Ceia Pascal cristã, Pe. Ney Brasil Pereira, Edições Paulinas, 1985

A Ceia Pascal aprofundará também a nossa compreensão das cerimónias litúrgicas da Semana Santa e da Páscoa, repletas como são de figuras e alusões ao Antigo Testamento. *“Esta é a solenidade pascal, na qual o verdadeiro Cordeiro foi imolado”*. *“Ó noite verdadeiramente feliz, que despojou os egípcios e enriqueceu os hebreus”* (canto do Exultet da Vigília Pascal, aludindo a Ex 12), *“Cristo, nossa Páscoa, foi imolado: festejemo-lo com o pão ázimo da sinceridade e da verdade”* (1Cor 5,7-8, aludindo também a Ex 12).

Do mesmo modo, a nossa participação na Eucaristia será enriquecida se compreendermos mais claramente o momento que Jesus escolheu para instituir a Sagrada Eucaristia. A Ceia Pascal é uma preparação, em forma dramatizada, para o Tríduo Pascal que centraliza a nossa atenção na essência do mistério pascal: o Cordeiro imolado que nos libertou do cativeiro com o seu sangue. E assim, isto nos faz viver cada Eucaristia de maneira mais completa, pois a Última Ceia não foi apenas o ápice, o termo de chegada de um velho rito, mas o começo, o ponto de partida de um novo. Santo Atanásio disse que, *“quando juntos comemos a carne do Senhor e bebemos o seu sangue, é a Páscoa do Senhor que celebramos”*. A cerimónia da Ceia Pascal possibilita-nos encenar os acontecimentos da Última Ceia como uma meditação, preparando-nos para a plena realização da Última Ceia na Eucaristia.

Deus ordenou que a primeira Páscoa fosse comemorada solenemente (cf. Ex 12,1-28): o povo teria de sacrificar um cordeiro e comê-lo com pão ázimo e ervas amargas (uma lembrança da saída precipitada do Egito, em que não houve tempo para fermentar o pão), em agradecimento pela liberdade, que era dom de Deus. Esta festa anual da Páscoa tornou-se um facto de primordial importância na religião de Israel. Aos poucos, o ritual tornou-se mais rico; a Páscoa veio a ser considerada não somente acção de graças pela bondade de Deus no passado, mas também profecia do futuro: pois, assim como, uma vez, Deus tinha libertado o povo do cativeiro, assim também Ele os conduziria, a seu tempo, a um novo Êxodo, na era futura do Messias. *“A Páscoa foi, portanto, não só uma lembrança mas uma profecia!”*, escreveu D. Gaillard. Os actos divinos no passado eram uma garantia do cumprimento das promessas messiânicas no futuro.

No tempo de Jesus, a refeição pascal já não se realizava de pé e às pressas (cf. Ex 12,11), mas ao redor de uma mesa festiva. Em grande contraste com aquela noite de fuga, 1200 anos antes, a atmosfera estava agora impregnada de paz e alegria espiritual – embora essa paz fosse também periodicamente perturbada pelas tensões de tempos de revolta ou de guerra. Mas o sentido real da celebração permaneceu o mesmo através dos séculos: *sacrifício e banquete sacrificial de acção de graças*.

Agora podemos ver porque Jesus escolheu este rito como prenúncio e sacramento do seu sacrifício. Esta festa familiar, celebrada pelo povo escolhido como um todo unânime, tinha todas as qualidades para poder ser transformada na grande festa da comunidade cristã, estimulando a caridade e unindo estreitamente os corações dos que se alimentam do Pão repartido e do Vinho partilhado.

A primeira “passagem” do Senhor foi comemorada com a Ceia Pascal; a segunda, o sacrifício de Cristo, nossa Páscoa, torna-se presente na Eucaristia, a Ceia Pascal do Novo Testamento. No sentido de “passagem”, a significação do sacrifício de Jesus torna-se clara: *“Este é o meu corpo que é entregue por vós”* (Lc 22,19), para que possais passar da morte no pecado para a vida em Deus. Nesse contexto, torna-se claro que o novo sacrifício teria também o seu banquete sacrificial: *“Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a Vida em vós”* (Jo 6,53).

Como vimos acima, celebrando a Ceia Pascal com os seus discípulos na noite de quinta-feira santa, Jesus antecipou-se, por um dia, à Páscoa oficial dos judeus. Na sexta-feira santa, à mesma hora em que os cordeiros pascais estavam sendo sacrificados no Templo, o Cordeiro de Deus, nosso Cordeiro Pascal, consumou o seu sacrifício na Cruz (cf. Jo 19,35-36). Encontravam-se, nesse momento, símbolo e realidade.

A Antiga Aliança entre Deus e o povo escolhido foi ratificada pelo sangue de muitas vítimas (cf. Ex 24,3-8). A Nova Aliança, já anunciada por Jeremias (Jr 31,31), era agora ratificada pelo sangue de uma Vítima perfeita (cf. Lc 22,20), e não pelo sangue de touros e de bodes (Hb 10,4). O cordeiro figurativo, portanto, foi assim substituído pelo verdadeiro. O sacrifício tornou-se perfeito (cf. Hb 10,10).

Esse mesmo sacrifício, prefigurado na Páscoa dos judeus, plenamente realizado no Calvário, é renovado em todas as Eucaristias. De todas as vezes que nós, cristãos, o povo escolhido da Nova Aliança, comemos o pão e bebemos do cálice, celebramos o mistério pascal, “anunciando a morte do Senhor, até que Ele venha” (1Cor 11,26). Como diz S. João Crisóstomo, em cada Eucaristia “é o Cristo que aqui e agora celebra a Páscoa com os seus discípulos. E a mesa do altar não é senão a mesa da Última Ceia”.

1. A CEIA PASCAL NO TEMPO DE JESUS

A Ceia Pascal, a partir do núcleo do ritual exposto em Ex 12,1-28 e Dt 16,1-8, desenvolveu-se no decorrer dos séculos. Desde os tempos de Esdras (450 ou 400 a.C.), foi-se elaborando um cerimonial minucioso, finalmente depositado no Talmude (no Tratado Pessahím, da Mishná) e observado até hoje. Na época de Jesus, portanto, deve ter contido os seguintes elementos, que tinham o seu significado especial para os judeus:

Primeiro em importância era o **Cordeiro**, sacrificado no Templo. Todo o seu sangue era derramado; a Lei determinava que nenhum dos seus ossos fosse quebrado (Ex 12,46 citado em Jo 19,33-36), o que era cuidadosamente observado. O cordeiro era assado num espeto de ramo de romãzeira, em forma de cruz, e lembrava aos judeus o cordeiro cujo sangue salvara os seus ancestrais no tempo do grande Êxodo. O nome “péssach” (Páscoa) foi aplicado em especial ao cordeiro, bem como à libertação do Egito e, depois, aos festejos que a recordavam.

Pão ázimo – **matsá**, no plural **matsôt** – era chamado o “pão do tormento”, porque era feito somente de farinha e água. Representava o pão feito pelos judeus durante a sua partida apressada do Egito, quando não houvera tempo para levedar. A divisão de uma grande **matsá** entre todos os que estavam à mesa, por duas vezes na Ceia Pascal, era expressão de união.

Ervas amargas – **marór** – embebidas em vinagre e sal, lembravam-lhes a amargura da escravidão e o sofrimento no Egito.

Harósset – uma mistura, de cor vermelha, de maçãs e nozes picadas, canela e vinho, lembrava a argamassa usada pelos judeus na construção de palácios e pirâmides no Egito, durante os períodos de trabalho forçado.

Vinho – assim como o pão ázimo repartido, o vinho, retirado de uma vasilha ou bebido de *uma taça comum*, expressava a unidade do povo, a sua irmandade como filhos de Abraão e co-herdeiros da Promessa. Quatro cálices são bebidos durante a refeição porque o livro do Êxodo (6,6-7) regista *quatro verbos diferentes*, todos significando *redenção*, proferidos por Deus quando enviou Moisés para libertar o seu povo. São eles:

- *Eu vos retirarei* (do Egito): é o 1º cálice, “da Santificação”;
- *Eu vos libertarei*: é o 2º cálice, “da Redenção”;
- *Eu vos resgatarei*: é o 3º cálice, “da Benção”;
- *Eu vos receberei* (por meu povo): é o 4º cálice, “da Aceitação”.

As “**bênçãos**” dos alimentos – não eram “benzimento”, mas expressão da acção de graças a Deus pelas suas dádivas e do reconhecimento de que tudo vem do Senhor e a Ele deve ser reconduzido.

A **Hagadá**, relato da libertação do Egito – está triunfalmente narrada no livro do Êxodo. A palavra *Haggadá* significa “narrativa”. Deus ordenou que essa história fosse conservada viva entre nós: “E naquele dia contarás a teu filho: Eis o que o Senhor fez por mim, quando saí do Egito” (Ex 13,8).

Os **salmos Hallel** (salmos 113-118) eram cantados como acção de graças e louvor a Deus, pela libertação conseguida.

3. INDICAÇÕES PRÁTICAS

Tempo do ano – a noite ideal seria a de quarta-feira santa, como preparação imediata para as liturgias do Tríduo Pascal. Mas qualquer noite do ano poderia servir, especialmente ao longo das 7 semanas do tempo pascal.

Ementa – os pratos seguintes devem ser preparados para a cerimónia que estamos a descrever. Todos eram elementos da refeição pascal no tempo de Jesus.

- 1 – *Péssach* - Carneiro assado
- 2 – Vinho tinto ou sumo de uvas
- 3 – *Matsôt* - Pães ázimos
- 4 – *Harósset* – mistura de maçãs picadas, nozes cortadas, canela, passas, que serve como sobremesa
- 5 – *Marór* – ervas amargas (rabanete e chicória)
- 6 – Ervas verdes (agrião, alface, aipo)
- 7 – Salmoura

4. RECEITAS

1 – **Carneiro assado (Péssach)** – se possível, para um grupo de cerca de 30 pessoas, compre-se um carneiro inteiro. Deve ser assado no espeto, ou no forno a 300º. De acordo com o costume prescrito, deve ser amarrado a um espeto em forma de cruz. Isto, aliás, pode ser feito depois de assado. O simbolismo cristão do carneiro é mais claramente realizado se ele for levado para a mesa inteiro, no espeto. Se um carneiro for muito grande para o grupo, pode ser substituído por um pernil, de carneiro ou cabrito. Da mesma forma, havendo dificuldade de o assar inteiro, pode-se assá-lo em postas.

2 – **Pães ázimos (Matsôt)** – prepare 4 chávenas de farinha de trigo, 1 chávena de gordura fina, 1 colher de sal, e 1 chávena de água fria. Misture bem a farinha, o sal e a gordura. Junte a água. Amasse durante 10 minutos. Abra bem fino, corte em forma circular de 5 cm e coloque numa forma untada. Coloque outra forma por cima dos pãezinhos para os impedir de enrolar. Isto é o suficiente para as três Matsôt cerimoniais (15 a 20 cm de diâmetro) e 4 dúzias de matsôt de 5 cm de diâmetro. Como decoração, marque uma cruz na massa antes de cozer. Também se pode comprar as Matsôt em certas casa comerciais.

3 – **Harósset** – de uma quantidade de maçãs suficientes para o grupo, pique metade e moa a outra. Misture e junte as nozes picadas, canela e vinho, a gosto.

5. ARRANJO DA MESA E DECORAÇÃO

1 – Toalha e guardanapos brancos.

2 – Candelabro de sete braços (a menorá), com sete velas.

3 – Se mais de uma mesa for usada, velas e castiçais podem ser usados nas mesas adicionais, mas não é necessário mais de um candelabro de sete braços.

4 – Flores e verdes para um centro de mesa e para a decoração da sala. Um arranjo de espigas de trigo e uvas constitui o centro de mesa adequado.

5 – Cartões com os nomes dos convidados e o desenho de um cordeiro ou outro tema eucarístico e pascal, como trigo e uvas, aumentam a solenidade da refeição.

6 – Em cada lugar deve haver:

- a) uma taça para vinho (quando o grupo é pequeno, as taças podem estar na frente do presidente, que as deve servir da jarra única);
- b) uma taça com harósset;
- c) um pratinho com erva amarga e erva verde;
- d) um prato com pães ázimos (matsôt) suficientes para cada um;
- e) um copo com salmoura.

7 – Um quadro ou texto na parede, expressando o tema da refeição pascal, por exemplo: um pano decorado com um grande cordeiro, com o símbolo do pão e do vinho ou outros motivos eucarísticos; um texto como: “Porque é que esta noite é diferente de todas as outras noites?” ou: “Cristo, o nosso Cordeiro Pascal, foi imolado!” ou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”

8 – Outros objectos necessários:

- a) um pavio para acender as velas;
- b) uma ou mais jarras, com concha, para servir o vinho;
- c) uma bacia, um jarro de água e uma toalha para o Presidente lavar as mãos;
- d) um prato grande, com as três Matsôt cerimoniais, enroladas cada uma num guardanapo;
- e) uma grande travessa para o carneiro, possivelmente enfeitada com verdes, e um fogareiro por baixo, para manter a temperatura;
- f) uma ou mais Bíblias, para os 4 leitores de Ex 12 e o leitor de Lc 22.

9 – Seria indicado começar a cerimónia no escuro, para dar realce ao momento de acender as velas.

6. PRINCIPAIS LIDERANÇAS

1 – O Presidente – é quem preside à refeição e pronuncia as várias “bênçãos” durante a cerimónia. Seria aconselhável que o Presidente dissesse as palavras de Jesus na leitura dialogada do Evangelho de João, no final da Ceia, uma vez que ele representa o Cristo. O Presidente pode ser o pai da família ou um sacerdote ou o líder do grupo que organizou a refeição.

2 – O Comentador – é quem lê os comentários, explicando o significado dos vários momentos do ritual, relacionando-os com a sua realização cristã.

3 – A Mãe – acende as velas no começo da refeição e profere a bênção da luz.

4 – O Mais Novo – faz as 4 perguntas sobre o significado da refeição pascal.

5 – Os Leitores – são os que lêem os trechos indicados no cap. 12 do livro do Êxodo e do cap. 22 do Evangelho de S. Lucas.

6 – Servidores – alguns dos participantes devem, a seu tempo, trazer os pratos cerimoniais, ajudar o Presidente a lavar as mãos, dividir o carneiro, etc.

7. ALGUMAS SUGESTÕES

1 – Especialmente quando o grupo for grande, é aconselhável que todos os que devem falar (Presidente, Comentador, Mais Novo, Leitores) fiquem de pé.

2 – Em grandes grupos é demorado e cansativo servir o vinho a todos directamente da jarra única. A solução mais simples é que o Presidente despeje o vinho em mais jarras, apresentadas pelos Servidores, os quais, por sua vez, o distribuirão pelos presentes. Também, para não prolongar a cerimónia, pode-se suprimir a distribuição da jarra única do segundo e quarto cálices, mantendo a solenidade apenas no primeiro e terceiro, que são os mais importantes.

3 – A leitura do Evangelho de S. João, no fim da Ceia, tornar-se-á mais viva se os apóstolos forem escolhidos de entre os convidados e lerem a sua parte ficando cada um no seu lugar.

4 – É muito importante que o grupo todo se envolva na preparação da Ceia. Vários dias antes faça-se uma reunião para distribuição de tarefas: quem se encarrega de quê. Quanto mais pessoas do grupo se envolverem na preparação, remota e próxima, de tudo o que é necessário – e é muita coisa! – tanto mais frutuosa, em termos de fraternidade, será a experiência de todos.

